



XVIII SIMPURB
Simpósio Nacional
de Geografia Urbana 2024 Niterói

Uma agenda para
a democratização
da cidade

3 a 7 DEZ

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha

GT – “03”: “Brasil não-metropolitano: temporalidades e espacialidades urbanas”

MORAR NO SERTÃO NORDESTINO: UMA VISÃO SOCIAL DO HABITAR A PARTIR DO FILME *BACURAU*

Joseliany Guedes Ferreira
Universidade Federal da Paraíba
joseliany.guedes@academico.ufpb.br

Carlos Henrique Ribeiro Salviano
Universidade Federal da Paraíba
carlos.salviano@academico.ufpb.br

RESUMO: Esta pesquisa assimila aspectos da habitação típica do Sertão Nordeste e suas questões sociais através do filme *Bacurau* (2019), escolhido por trazer fatores sociais que refletem seus costumes. Busca-se construir o objeto principal deste estudo, que é o morar no Sertão Nordeste, através da sintetização teórica por meio da pesquisa bibliográfica, unindo pensamentos de diferentes autores sobre os eixos expostos. Dessa forma, a investigação relaciona, a princípio, a cinematografia e a arquitetura, atrelando princípios de ambas e identificando possibilidades na compreensão espacial. Em seguida, têm-se a investigação sobre os limites e definições do Sertão nordestino, além de identificar as características básicas das moradias que o compõem. As conclusões deste trabalho comprovam as contribuições do acervo teórico que foi utilizado, bem como as reflexões obtidas desta análise.

Palavras-chave: Habitar; Sertão Nordeste; Cinematografia

1. INTRODUÇÃO

As considerações dos fenômenos em debate nesta pesquisa surgem a partir de questionamentos acerca da questão arquitetônica em sua dimensão social, no que tange a habitação, e como esta pode ser observada a partir de obras cinematográficas. Para tanto, este trabalho compreende assimilar princípios da cinematografia, compreendendo a linguagem política, social e arquitetônica dos módulos de morar e habitar, e uni-los ao debate da habitação sertaneja no interior nordestino através do filme *Bacurau* (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles.

“A procura do lugar? Certamente. Mas à luz do que se busca: a luz da Utopia. E o homem? E a criatura? Nessa mesma luz.” (Celan, 1979, p. 145). Estas indagações de Celan (1979) são semelhantes às que fundamentam este trabalho, na busca pela construção do morar nordestino. Que lugar é esse e quem o habita? Assim, a princípio, busca-se construir o objeto principal deste estudo, que é o Morar no Sertão Nordestino. Para tanto, é mister distanciar a “coisa construída” da “coisa habitada”. Azevedo (2018), discorre sobre a morada e o lugar, apresentando que “O fundamento do lugar concretiza-se na vida cotidiana, quando se materializa a presença do habitar, formando nexos entre “coisas” e símbolos.” (Azevedo, 2018, p.17). Logo, muito mais se trata do que ocorre no espaço construído do que ele em si. Ademais, o mesmo autor contribui para a construção da necessidade de debater o “habitar” dentro de um tempo-espaço específico, que ocorre nesta pesquisa através do filme *Bacurau* (2019):

“A linguagem capaz de narrar as poéticas do habitar é expressa pelas imagens e é preciso enquadrá-las dentro de um campo estável, isto é, dizer qual o tempo-espaço em questão. É sob esse viés que buscamos pensar o “estudo do lugar” em uma realidade mais próxima, diria mais brasileira. Sob esse foco de especulações, a imagem do sertão emergiu como uma projeção de enorme força plástica, permeando as principais questões aqui exploradas.” (Azevedo, 2018, p.42)

Dessa forma, constrói-se o “morar nordestino” sob o vislumbre de que a paisagem sertaneja demanda um habitar, isto é, “a paisagem do sertão ecoa aquilo que lhe avizinha: a imensidão da terra, os horizontes fechando fronteiras, as montanhas que, enraizadas no chão, buscam o céu.” (Azevedo, 2018, p. 47).

As razões para a pesquisa ocorrem a partir do desejo de investigar, no *loco* do sertão nordestino, como a arquitetura se reflete na questão social e vice-versa, pretendendo contribuir ao debate de habitação sertaneja. Como meio, utilizou-se o enredo do filme *Bacurau* (2019), que foi escolhido por tratar da resistência de um grupo, em um povoado interiorano denominado Bacurau, ambientado na cidade de Parelhas, no interior do Rio Grande do Norte, em que é possível captar detalhes sobre o “morar” e a partir da crítica sobre os modos de habitar nessas localidades, afastadas dos grandes centros, poder fomentar o debate social do eixo moradia.

“*Bacurau*” representa as regiões esquecidas, que sofrem descaso governamental, na falta de apoio ao desenvolvimento, cultura e disseminação da educação em seu povo. A cidade fictícia traz fatores sociais que refletem os costumes de seus diferentes setores, atribuindo funções aos indivíduos que habitam, ao tempo em que fundamentam a cidade, que insiste em permanecer.

Nesse sentido, com a ótica voltada para a habitação sertaneja, percebe-se, na concretude do “lugar sertão”, significados e significâncias distintos acerca do habitat. Estes desencontros de termos foram acrescidos ao desejo de investigar quais os modos e módulos de habitar o Sertão, instrumentados pelo acervo visual fornecido através do campo da cinematografia. Nesse entrelaçar de artes, vê-se um potencial significativo na investigação da problemática central deste trabalho.

2. CINEMA, ARQUITETURA E CIDADE: RELAÇÃO ENTRE ELES NA COMPREENSÃO DO ESPAÇO

Ao ter contato com a produção cinematográfica, o ser humano recebe diversos estímulos que o fazem, através dos cenários, obter a compreensão do espaço e contexto que se passa determinada história, assim como descreve Santos (2005):

Acentuando a impressão de realidade pela apresentação de formas em movimento, a arquitetura fílmica desempenha papel orquestral e atua como agente ativo de referência e legitimação espaço-temporal, tornando a experiência cinematográfica única. (Santos, 2005, p.1)

O ambiente representado na tela é composto por diversos elementos que, por mais que não interajam diretamente com o personagem principal, ou não sejam alvo do foco do filme, possuem um importante papel na contextualização e compreensão do espaço na história. Através da filmagem, pode-se compreender o entorno de forma semelhante a realidade, pois a percepção do ser humano quanto ao espaço em que está inserido é entendida por meios de imagens em perspectiva.

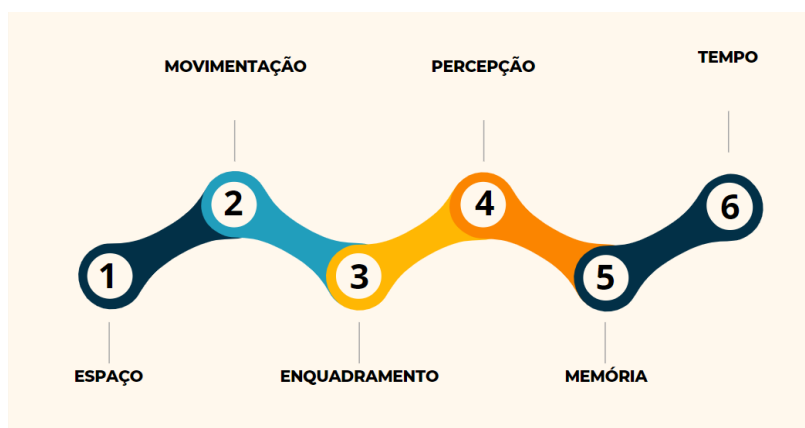
Desde que o nosso conhecimento das construções vem da visão de fachadas isoladas (a construção como pintura) ou de formas isoladas (a construção como escultura), só uma filmagem pode nos trazer as dimensões espaciais essenciais do espaço e do volume [...] Depois de tudo, é assim que nós todos experimentamos as construções, dentro e fora: nós andamos, olhamos, passamos através do espaço. Perspectivas são reveladas. Esquinas viradas. Escalas mudam. (Grigor, 1994, p. 19)

Ademais, retoma-se Santos (2005), para introduzir e debater o termo “Arquitetura filmica”, que se repete diversas vezes quando se trata de espaço e imersão em um ambiente que extrapola o enquadramento. Para entender tal interação entre arquitetura e cinema, e o quanto uma arte influencia a outra, Freitas (2015) estabelece uma série de elementos essenciais para a análise da arquitetura em filmes, são eles: Espaço, movimento, enquadramento, percepção, memória e tempo. A importância de tais elementos é debatida pela autora através do seguinte trecho, de sua obra “Uma relação entre arquitetura e cinema”:

São elementos essenciais, na criação tanto de espaço arquitetônico como de espaço cinematográfico. Estas duas formas de Arte, apelam fortemente aos sentidos, a uma vivência sinestésica do espaço, que deve ser feita por sua vez, em movimento - da câmera no caso do Cinema e/ou do percurso no caso da Arquitetura - tendo em conta as memórias e vivências anteriormente experienciadas adquiridos pelo indivíduo. (Freitas, 2015. p. 13)

Para resumir esta análise, foi criado um diagrama que represente tais elementos, ilustrado na figura 01:

Figura 01 -Diagrama dos elementos essenciais de análise de arquitetura em filmes usado por Freitas (2015)



Fonte: Autores (2022)

Sob outra ótica, ao passo em que a arquitetura se configura parte do dia a dia das pessoas, o cinema utiliza desta para dar base às histórias e enredos revelados por si, inspirando-se por seus traços constitutivos. Tanto Freitas (2005), quanto Santos (2005), consideram essa troca ligada ao tempo e ao espaço, de modo que a própria câmera em movimento capta este entorno, enquanto o tempo é representado não só pela duração em que esta captação ocorre, mas pelo enredo que acontece no cenário.

Na arquitetura há uma criação de espaço físico concreto, para uma determinada atividade, enquanto no cinema este mesmo espaço é “virtual”, no entanto muitas são as vezes que os cineastas recorrem a espaços arquitectónicos para os seus filmes, outras criam os seus próprios espaços, chamados espaços cinematográficos. Os arquitetos, porém, também recorrem por vezes aos espaços cinematográficos como meio de inspiração para a criação dos espaços reais. (Freitas, 2015, p. 37)

É válido perceber que, nos dias atuais, o cinema se preocupa bastante com a qualidade do audiovisual para passar a melhor experiência possível aos espectadores. Segundo Zuben (2018), esta preocupação está em melhor representar um local que abre a possibilidade de viagem para diversos lugares, e conhecer a arquitetura diversa do mundo e até mesmo fora dele, o que vale para filmes de ficção científica. É nesse contexto que o uso correto do tempo e espaço pode ser aproveitado ao máximo. Nessa busca para melhor representar ambientes históricos ou ficcionais, o cinema costuma utilizar os aspectos de edificações já existentes durante as filmagens, como por exemplo *Game Of Thrones* (2011) que foi gravado em Dubrovnik, Croácia, onde utilizaram o castelo como cenário da série para ambientar *The King's Landing*, capital dos sete reinos, uma cidade medieval e compreendida no tempo dos grandes reis e guerras pelo trono. Em outros casos, o cinema cria seus próprios cenários físicos ou artificiais através de tecnologias como o *chroma key*. É possível perceber o castelo mencionado na figura 02:

Figura 02 - Vista do castelo de Dubrovnik, Croácia



Fonte: Viajar entre Viagens (2021)

Inúmeras produções realizam essa imersão através dos cenários, exemplos notórios a serem citados são os filmes *Blade Runner* (1982), *Asas do Desejo* (1987) e *Metrópole* (1927),

que propiciam a compreensão da paisagem - seja urbana, fictícia, futurista, ou todas - onde seus enredos são ambientados.

O CONTEXTO NO FILME: O SERTÃO NORDESTINO

Para compreender melhor a representação de um ambiente real no meio cinematográfico, toma-se Bacurau como um exemplar a ser considerado neste trabalho, de forma a representar um povo abandonado pelo governo, enfrentando a falta de infraestrutura na cidade. O filme foi gravado em Parelhas e na zona rural do município de Acari, no Sertão do Seridó, Rio Grande do Norte, e representa no filme uma cidade no sertão de Pernambuco. Este filme está inserido na realidade do Sertão do nordeste brasileiro, que, através de suas características, possui a capacidade de, um mesmo povoado, possuir características de estados diferentes, não impondo uma contradição visual às características dos estados de Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Entende-se, por meio de uma análise do trabalho de Graduação de Andressa Duarte Diniz, “*Conhecer o Sertão: Relações entre Arquitetura e Paisagem*” (2019), que a designação do sertão nordestino teve várias alterações conforme os anos, passando de um local que estava além do litoral colonizado, para uma subcultura própria que vai ultrapassar o espaço físico, porém mantém uma série de características padrões do “sertão”. Diniz (2019) enfatiza isso ao mencionar Darcy Ribeiro (1995), que constrói a teoria de que essa região é marcada por um modo de vida, vestimenta, culinária, organização familiar, dispersão espacial, especialização do pastoreio, visão do mundo e religiosidade ímpares. Sendo assim, limitar “sertão” geograficamente, ou pela paisagem, não é possível, mas sim por esse conjunto de manifestações culturais, ilustradas por exemplo na paisagem da figura 03.

Figura 03: Consciência da ancestralidade do sertão



Fonte: Diário do Nordeste (2021)

Outrora, complementa-se esta ideia a partir da ótica traçada por Gomes Neto (2021), que, baseado na obra de Moraes (2002), expõe:

O sertão não é uma tipologia definida determinadamente por características naturais e/ou humanas de uma paisagem, é especialmente uma classificação proveniente de um construto social externo às áreas tidas como não sertões. (Gomes Neto, 2021, p.57)

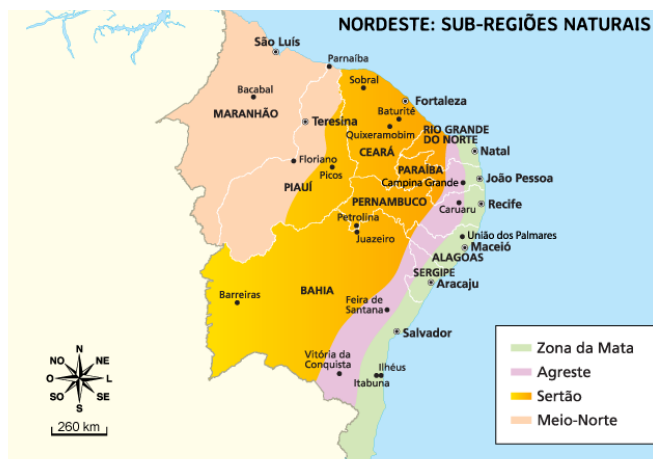
Outro ponto de vista que se contrapõe ao dito anteriormente, é o sertão nordestino categorizado geograficamente através de imagens de um ambiente rural, afastado, isolado, distante e de diferente paisagem e cultura. Isso é abordado por Gomes Neto (2021), ao implicar que o “Sertão” é visto pelos estrangeiros de forma negativa e positiva ao mesmo tempo. Tal ótica é semelhante à de Euclides da Cunha (1866-1909) na construção de “Os sertões” (1902), ao descrever o sertão nordestino sob os olhares de um indivíduo do Sudeste, que, ao passo em que constrói e expõe a narrativa do homem sertanejo fraco e pobre, o coloca como “um forte”, um povo que resiste apesar da seca.

Outro grande dilema encontrado na representação do Sertão do Nordeste é a construção da cartografia desse espaço. O modo de explicar geograficamente onde se encontra este local, anteriormente explicado como um conjunto de fatores culturais, é por meio do que expõe Oliveira (2013) em “*Cartografias do sertão: Os mapas sertanistas no discurso histórico de Jaime Cortesão e Sérgio Buarque de Holanda*”, de modo a questionar a visão da formação territorial do Brasil colonial e sugerir uma nova avaliação dos fatores. Oliveira

(2013) não descarta como um todo a maneira de construção desses mapas, como o da figura 04, mas sugere mais atribuições históricas, problematizando pressupostos amplamente aceitos:

Obviamente que as considerações que fizemos não desmerecem as teses desenvolvidas por Cortesão e Holanda, mas dão mais historicidade a elas e mostram a necessidade de voltarmos nosso olhar para os documentos de modo diverso, problematizando pressupostos amplamente aceitos. Em relação aos “mapas sertanistas” estes pressupostos passaram a constituir a “natureza” desses mapas, sua classificação, sua história, sua memória. Ao expor e desconstruir estes pressupostos pretendemos dar um “primeiro passo” na direção de uma análise mais detida e criteriosa dos rústicos mapas das conquistas portuguesas no centro da América do Sul. (Oliveira, 2013, p. 210)

Figura 04 - Mapa das Sub-Regiões naturais do nordeste:



Fonte: Editora Moderna (2022)

Assim, dessa forma, a construção do “Sertão” no nordeste é, para além de um local ou delimitação geográfica, um conjunto de fatores socioculturais que, ao possuir inúmeras condições que o tornam ímpar dentro do contexto geral brasileiro, incluindo o seu clima e características, se torna um eixo de interesse na busca de fatores como a arquitetura, por exemplo.

Parte-se da visão em que se põe a questão do “habitar” em todo o histórico de evolução humana, ao passo em que, desde os primórdios, o sentido do termo “habitar” foi evoluindo com as tecnologias de vivência e sobrevivência do homem. Segundo Correia (2017), para as primeiras habitações, as tipologias estruturais construídas davam resposta às necessidades básicas de sobrevivência, como o abrigar das intempéries e dos ataques de

animais, como as cavernas, representadas na figura 05. Posteriormente, com a sedentarização através da agricultura, é que se inicia a preocupação com a organização do interior e armazenamento de alimentos.

Figura 05 - Cavernas



Fonte: As Raças Humanas Vol.I

Neste sentido, ao passo em que o debate arquitetônico acontece, é percebida ao longo dos anos a importância do processo de desenvolvimento e legado construtivo, tendo em vista que “O Novo lugar ou edifício passa a ter pouca relação com os anteriores. (...) O desenvolvimento histórico de tais mudanças leva a novas mudanças.” (Svensson, 1991, p.169). Através, portanto, do processo de evolução construtiva e intelectual, urge uma dicotomia entre os termos “morar” e “habitar”, que é debatida por Rossati, embasado nos trabalhos de Elias (2001) e Bourdieu (1989), atrelando sobretudo o fator social ao espaço físico:

[...] Considera-se que analisar as condições sociais de escolha da moradia permite matizar as relações entre espaço físico e diferenciação dos estilos de vida, pois, tal como mostra Elias (2001), as estruturas de habitação são indicadores materiais, isto é, produto visível, de estruturas sociais. (Rossati, 2019, p.21)

Esta perspectiva é de imensa importância para a compreensão dos modos de habitar em *Bacurau*, uma vez percebida a importância de, a partir do que se vê no filme, traçar parâmetros que unem a condição de habitação e o papel social que o próprio conjunto de moradias desempenha. Contudo, urge a necessidade de compreender como se dá a relação

entre o que é construído e o que é habitado, que pode ser auxiliado através do que debate Heidegger (2001) mencionado no trabalho de Miller (2019): “Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? [...] Habitar seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins. “(Heidegger, 2001, p. 126). Ademais, têm-se a contribuição de Christian Norberg-Schulz, que dita o propósito existencial do construir, que seria “ fazer um sítio tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado” (Norberg-schulz, C. op. cit. p. 454.).

A partir desses princípios, é imprescindível levar a ótica ao cenário nacional, e identificar que, no Brasil, a cidade pequena interiorana desempenha um papel arbitrário, se pensadas ao lado das grandes cidades, embora sejam importantes fatores para a provocação de ruído no meio interurbano, como assim discutem Reyes et. al. :

“As cidades pequenas, localizadas no interior do Brasil, provocam um ruído no pensamento sobre o urbano. A exemplo de Bacurau, não correspondem às grandes narrativas, ou às regras de uma lógica formal proposta pela disciplina de urbanismo. “ (Reyes et. al., 2022, p.146)

Esta visão, que sugere a não preocupação com as pequenas cidades, gera, por vezes, condições de infraestrutura e organizações socioespaciais equivocadas, que interferem diretamente no processo de habitar, desde a concepção da edificação até o seu respectivo uso, como é visto em Bacurau.

Para embasar a discussão sobre a arquitetura das habitações em Bacurau, utiliza-se o trabalho de Mariana Santos da Trindade, intitulado “*O Habitar Sertanejo: uma visão do semiárido através da habitação social*”. A autora discorre sobre a relação entre o Sertão nordestino (*loco*) e as construções típicas deste local, apresentando elementos tradicionais que dão embasamento à identificação da arquitetura de Bacurau. A autora segue uma lógica de expor estes princípios desde o exterior da edificação ao seu interior, conduzindo o leitor a percorrer essa linha de pensamento de uma forma mais nítida. Os pontos discutidos pela autora, acerca do “Habitar sertanejo”, são:

- O Terreiro: A entrada para a vida

O terreiro, como as demais partes a serem debatidas, é lido poeticamente por Trindade (2019) e exemplificado em seguida com imagens do filme *Bacurau* (2019) (figuras 06 e 07). O terreiro é a recepção da casa, geralmente com piso de solo batido, é o ponto inicial da casa.

Na arquitetura rural sertaneja, alguns exemplares possuem o terreiro circundando toda a edificação, sendo também o local de circulação de alguns animais e de socialização às tardes e noites. De acordo com Trindade (2019, p.37), “Enquanto caminha de encontro ao morador, o visitante consegue observar aquele ambiente tão simbólico que é o terreiro e pode identificar um pouco do perfil de quem vive ali.”

Figuras 06 e 07: Terreiro compartilhado de edificações alinhadas



Fonte: Filme Bacurau

- A Estória do alpendre

Do terreiro, têm-se acesso ao alpendre, ilustrado na figura 08. Geralmente coberto, o Alpendre é um prolongamento do terreiro. É um lugar de recepção, de socialização e de descanso. Também protege a casa da incidência solar característica do Sertão Nordestino. De acordo com Trindade (2019), é onde ocorre o primeiro contato de quem adentra a edificação:

O primeiro contato com a casa sertaneja acontece no alpendre. Este espaço funciona como uma extensão do terreiro ao mesmo tempo em que é diretamente ligado com o interior da casa. Na verdade, é uma transição entre esses espaços. É um lugar de preparação. (Trindade, 2019 p.41)

Figura 08 : Destaque ao alpendre em edificação



Fonte: Filme Bacurau

- A Sala: Lugar do sagrado

Já caminhando para os espaços internos, chega-se à sala. A sala pode ou não ser integrada com os espaços de refeição (figura 09). É o ponto de reunião da família sertaneja e geralmente é adornada com quadros (figura 10). Trindade (2019) acrescenta, dizendo:

Neste ambiente há o convívio familiar e onde se realizam as refeições, mas, além disso, é ali em que se encontra o sentimento mais íntimo da família, a sua fê. O que os move. [...] Neste ambiente há o convívio familiar e onde se realizam as refeições, mas, além disso, é ali em que se encontra o sentimento mais íntimo da família, a sua fê. O que os move.” (Trandade, 2019, p.43)

Figura 09 : Personagens no ambiente da sala.



Fonte: Filme Bacurau

Figura 10: Quadro na sala de cenário do filme Bacurau



Fonte: Filme Bacurau

- O Cheiro que vem da cozinha

A sala direciona quem percorre a casa sertaneja para o espaço da cozinha. É comum este espaço ser na parte posterior das edificações, na lógica de separá-lo dos ambientes de socialização (figura 11). Segundo Algranti (1997), essa condição é reflexo das chagas da escravidão, onde a pessoa que produz o alimento não tem acesso aos espaços de socialização. Para o aspecto da cozinha, Trindade (2019) acrescenta:

O pote e filtro de barro deixam a água tão fria quanto a geladeira [...] Bacias, conchas e panelas penduradas cuidadosamente na parede decoram o ambiente. A arupemba também tem o seu lugar, assim como o bom moinho que rala o milho seu e dos vizinhos. (Trindade, 2019, p.47)

Figura 11: Personagem no cenário da cozinha.



Fonte: Filme Bacurau

- A História para dormir

Os dormitórios da habitação sertaneja são ambientes comuns, geralmente não se distanciam da forma quadrada. De toda a edificação, é o ambiente que representa a

privacidade de quem o vivencia. Para a hora do sono diurno ou vespertino, é comum também serem utilizados outros artifícios, como redes na sala. Entretanto o quarto abriga o ponto de descanso noturno, sem priorizar outro uso senão este. Sob o vislumbre de Trindade (2019), acrescenta-se que:

O quarto é a privacidade, mas também a representação de quem e como mora ali. Sua estrutura arquitetônica é basicamente em forma de quadrado com no máximo uma janela, o mobiliário assim como no resto da moradia é reduzido, mas tudo de extremo significado. (Trindade, 2019, p.49).

2.4 A QUESTÃO SOCIAL E O HABITAT SERTANEJO

A questão social no habitar sertanejo nordestino é embasada por inúmeras questões sociais que discutem, sobretudo, a construção de uma identidade nacional geralmente associada à pobreza, à seca e ao trabalho rural, remetendo à comédia. É por meio dessa construção que os olhares pejorativos sobre o nordeste se perpetuam até os dias de hoje.

Nesse contexto, surge o debate da cidadania, das instituições e da territorialidade do loco nordestino, levando às discussões de como, em um mesmo território, o “novo”, com seus olhares voltados principalmente ao litoral e o “antigo”, do interior, afetam as condições necessárias ao exercício da cidadania e da democracia. Esta construção, realizada por Castro (2003), é o que direciona os olhares às habitações deste lugar, baseando tal indagação e fomentando o debate que relaciona as camadas sociais e a arquitetura.

Segundo Silva (2017, p.34), “A interiorização do sertão paraibano fazia parte de um programa da Coroa de explorar o interior da Colônia, em parte pela situação caótica em que se encontrava a economia”. Neste contexto, se dá a ocupação das terras em condições estratégicas de construir e manter com as dificuldades climáticas do semiárido possui. Isto levou as novas pessoas no território a priorizarem a proximidade com corpos hídricos, uma vez que as atividades agrícolas dependiam da presença de água.

Uma questão que permeia este tópico é, como e por que se dão as implicações descontextualizadas com o nordeste acerca da água como fator-fonte dos dramas sociais? Ribeiro (1999) auxilia na formulação deste raciocínio, dizendo:

Nestes trabalhos, além da ligação forte entre a sociedade e a natureza, na maior parte deles, a natureza é trabalhada discursivamente como a causa principal do atraso regional. A seca, bem como a escassez de água no sertão, são apontadas, na maioria dos discursos, como as grandes responsáveis pela miséria que atinge a região. (Ribeiro, 1999, p. 61).

O mesmo autor induz a reflexão de que, ao comparar o sertão nordestino com outras áreas semiáridas do globo, revela-se o “falseamento” desta questão, exemplificando através do clima árido da Califórnia ou de Israel, que não lançaram suas populações em um estado de miséria (Ribeiro, 1999). Tal lógica retoma a indagação feita no início deste tópico sobre a importância da construção de uma identidade nacional que desvincule os marcos estabelecidos desde a colonização e perceba as áreas mais remotas e antigas da região Nordeste como parte estruturante da sociedade brasileira.

Voltando ao quesito habitar, inúmeros autores inserem a arquitetura sertaneja nordestina na definição de “arquitetura rural”. Diniz (2013) analisou inúmeros exemplos de edificações do Sertão, e implicou que, mesmo no século XIX, as construções da região davam preferência a técnicas vernaculares tradicionalmente utilizadas no Brasil. Esta lógica é marcante desses edifícios, que por estarem implantados em um local do semiárido, de clima quente e seco, originam-se buscando artifícios que façam com que a edificação permaneça. Tais artifícios, segundo Diniz (2013), podem ser a terra batida e cimentada, portas e janelas de uma única folha, geralmente em madeira, telhas cerâmicas e tijolos artesanais, como representa as figuras 12 e 13.

Figura 12: Casa típica da Arquitetura Rural no Sertão Nordeste em Malta, Paraíba



Fonte: Acervo dos autores, 2022

Figura 13: Modelo típico de janelas do Sertão Nordestino em edificação em Malta, Paraíba



Fonte: Acervo dos autores, 2022

Assim, trazendo para o contexto do filme “Bacurau” (2019), o acervo de imagens auxilia na compreensão do tipo de arquitetura no qual as edificações que ambientam o enredo estão inseridas. Podemos, a partir destas, perceber os fatores da arquitetura rural.

Na figura 14 temos a visualização da condição do espaço livre público viário da localidade. Observamos fatores de vegetação, de infraestrutura, como o ônibus escolar, as casas notoriamente inseridas no que define a arquitetura rural e o sistema de cisternas enquanto abastecimento da residência.

Figura 14: Representação da arquitetura e cidade em *Bacurau*



Fonte: Filme Bacurau

Na figura 15, vemos um dos *takes* do filme, que mostra também o abastecimento de água de uma residência por meio do sistema de cisternas. Esta figura mostra como a condição das cidades desvalorizadas em infraestrutura é, ao perceber formas não convencionais de abastecimento.

Figura 15: Sistema de abastecimento de água em residência



Fonte: Filme Bacurau

A figura 16 enfoca a porta de uma residência, que permite um melhor conforto térmico, ao desempenhar o papel de janela, tendo em vista que pode ser fechada parcialmente. A questão das esquadrias foi um dos fatores que Diniz (2013) apresentou como comuns nas casas de caráter arquitetônico “rural”.

Figura 16: Esquadria de residência



Fonte: Filme Bacurau

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base todo o acervo teórico construído e exposto anteriormente, deduz-se que aproximar os significados e significâncias do Sertão Nordestino com a arquitetura e sua perspectiva social com a cinematografia tem um grau de dificuldade significativo. A abordagem do espaço-tempo do filme “*Bacurau*” permitiu que fossem compreendidos inúmeros fatores físicos e sociais que delimitam e definem o sertão nordestino, embora outros vislumbres dessa construção possa, por vezes, estar associada à pobreza e a seca, ou mesmo à comédia, contribuindo para uma visão pejorativa e que carrega uma herança cultural de xenofobia sobre o povo nordestino muito presente nos dias atuais. Contudo, perceber em um enredo como o de *Bacurau* que revela em um local esquecido um potencial volume na voz do povo que o habita induz a esperança de que mais vezes a história, fictícia ou não, seja ambientada no Sertão Nordestino, destacando todos os aspectos da vida e história de um povo, que, como cita Cunha (1902), é um forte acima de todas as outras características.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. **Famílias e vida doméstica**. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v.1, p. 83-154.

AZEVEDO, Jonas de Campos; **Morada e lugar: poéticas do habitar entre sertão e cidade**. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. — São Paulo, 2018. 135.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTRO. Iná Elias de. **INSTITUIÇÕES E CIDADANIA NO TERRITÓRIO NORDESTINO**. PPGG - UFRJ, publicado em Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 03, 2003.

CELAN, Paul. *Der Meridian. Ausgewählte Gedichte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.

CORREIA, Maria Antónia Carvalho. **Modos de habitar** - habitação temporária . Repositório das Universidades Lusíada, 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Coleção da Edições de Ouro dos Clássicos Brasileiros, 1967.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREITAS, Ana Catarina Barata de. **Uma relação entre arquitetura e cinema**. Repositório Lusíada, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2255>. Acesso em: 07 de Novembro, 2022.

GOMES NETO, João Ferreira: **Onde se (des)encontra o sertão?**. Boletim Goiano de Geografia, vol. 31, núm. 1, enero-junio, 2011, pp. 55-61 Universidade Federal de Goiás Goiás, Brasil.

GRIGOR, Murray. **Space in Time: Filming Architecture**. In: Architectural Design: Architecture and Film. London: Academy Editions, profile nº 112, vol. 64 11-12, 1994, p. 19.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **HEIDEGGER, M. Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MILLEN, João Bosco de Camargo. **Construir, Habitar, Pensar: Uma Proposta de (re)Leitura**. Poliética. São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 119-142, 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. (1998). *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

OLIVEIRA, Tiago Kramer de. **CARTOGRAFIAS DO “SERTÃO”**: OS MAPAS SERTANISTAS NO DISCURSO HISTÓRICO DE JAIME CORTESÃO E SÉRGIO

BUARQUE DE HOLANDA. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., 2013

REYES, Paulo et. al. BACURAU: Uma experiência estética e política acerca do menor. ISSN 2526-7310, n.20, v.6, 2022.

RIBEIRO, R. W. Seca e determinismo: a gênese do discurso do semi-árido nordestino. Anuário do Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, v. 22, 1999. Disponível em: . Acesso em: 12 nov. 2022.

ROSSATI, Marina Gui. Habitar o moderno: habitus e estilo de vida conformando os modos de morar. Proa : Revista de Antropologia e Arte, p-18 a p-46, 2019.

SANTOS, Fábio Allon dos. (2005). Cine-Arquiteturas - Interfaces entre Cinema e Arquitetura; PROJETAR 2005, II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura.

SILVA, Tadeu Pereira da. Arquitetura e história no sertão da Paraíba: um estudo das moradias rurais na cidade de Paulista(1820 a 1935). 2017. 125f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.

SVENSSON, Frank (1991) - Architectura – Criação e Necessidade. Brasil : Edunb

TRINDADE, Mariana Santos da. O HABITAR SERTANEJO: Uma visão do Semiárido através da habitação social. Trabalho de Conclusão de Curso, DAU - UFSE, 2019.

ZUBEN, Juliana Avila Von. Arquitetura e Cinema. Repositório USP, 2018. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/425e501c-c98a-4a5d-9fce-7c30bfeb72cf/2018_julianaavilavonzuben.pdf. Acesso em: 07 de Novembro, 2022.